

EM BICOS DE PÉS E DE OLHOS EM BICO



Jorge Tavares da Silva

Zélia Breda

(Coordenação)

Em bicos de pés e de olhos em bico

Vivências e convivências entre chineses e portugueses

2012



Em bicos de pés e de olhos em bico

Vivências e convivências entre chineses e portugueses

António Graça de Abreu

Arnaldo Gonçalves

Cao Bei

Carmen Amado Mendes

Chao Bin

Cláudia Ribeiro

Gil Cortez Torcato

Hu Shaohua

José Duarte de Jesus

Jorge Tavares da Silva

José Carlos Matias

Maria João Belchior

Ran Mai

Wang Haiyuan

Wang Suoying

Wu Aiyong

Y Ping Chow

Yao Jingming

Jorge Tavares da Silva

Zélia Breda

(Coordenação)

João de Deus Ramos

(Prefácio)

Marta Jacinto

(Ilustração da capa)

ÍNDICE

Apresentação	15
Armando Teixeira Carneiro	
Prefácio	17
João de Deus Ramos	
Introdução	19
Jorge Tavares da Silva e Zélia Breda	
Próximo destino – China	25
Maria João Belchior	
O fim dos mitos: Uma chinesa ao encontro da cultura portuguesa	33
Ran Mai	
A minha China	43
Cláudia Ribeiro	
Os portugueses aos meus olhos	57
Yao Jingming	
China: Realidades e modelos	61
José Duarte de Jesus	
Da América para Aveiro: Um chinês na viragem do milénio	71
Hu Shaohua	
Um <i>laowai</i> na terra dos superlativos	77
Jorge Tavares da Silva	



O que me impressionou, surpreendeu e sensibilizou em Portugal Wang Suoying	87
Memórias de um tempo fugaz Arnaldo Gonçalves	93
Um Porto de abrigo Y Ping Chow	103
À Beira-China José Carlos Matias	111
Um dia de setembro Chao Bin	117
Um verão em Taipé: Sobreviver sem perder a face Carmen Amado Mendes	121
De Xangai para o Estoril Wang Haiyuan	135
Diário de Pequim António Graça de Abreu	137
Uma perspetiva chinesa de Portugal Wu Aiyong	157
<i>Feidian</i> em Pequim: Relato na primeira pessoa Gil Cortez Torcato	161
Viver e conviver entre duas culturas Cao Bei	175
Glossário	187
Notas biográficas	197





Um verão em Taipé: Sobreviver sem perder a face

Carmen Amado Mendes

O verão de 2000, passado em Taipé para fazer um curso intensivo de chinês, no âmbito do programa de doutoramento que frequentava na Universidade de Londres, acabaria por se revelar o mais exótico e inesperado de sempre. Regressei com muito mais do que livros de caracteres novos na bagagem: trouxe o entendimento do verdadeiro significado da expressão “choque cultural”¹.

A transição de uma sociedade predominantemente agrícola e tradicional para uma industrial e moderna, verificada em Taiwan ao longo das últimas décadas, tem levado os taiwaneses a adoptar comportamentos mais parecidos com os do mundo dito ocidental – onde prevalece o conceito de realização individual em detrimento da colectiva. No entanto, esta mudança comportamental não eliminou as características tradicionais da personalidade chinesa. Estas contradições entre a tradição e a modernidade tornaram o dia-a-dia daquele meu verão uma aventura constante, no laboratório social único que é Taiwan!

Apesar de não podermos considerar os chineses como uma população homogénea, identificamos facilmente dinâmicas nos chamados modelos de comportamento social chinês que se enquadram no âmbito dos estudos interculturais. Estes estudos valorizam o impacto da experiência de vida em sociedade no comportamento dos indivíduos, em detrimento de factores genéticos. Assim, podemos afirmar que os modelos de comportamento social chinês contrastam, de forma drástica, com as do grupo cultural ocidental, em geral, e o português, em particular.

¹ Por choque cultural entende-se a acumulação de stress causada pela ausência de quase tudo o que nos é familiar, podendo resultar em momentos de melancolia e solidão, ou mesmo em depressão profunda. Para mais informação sobre choque cultural ver Bates, C. & Bates, L. (1995). *Culture Shock! Taiwan: A Guide to Customs and Etiquette*. Londres: Kuperard.



Taiwan faz parte das culturas onde o contexto em que o relacionamento interpessoal se desenrola e o assegurar do bom relacionamento a longo prazo entre as partes são factores bem mais importantes do que a obtenção de objectivos de curto prazo. Assim, e tendo em conta que Taiwan é maioritariamente constituído por habitantes de etnia Han originários da China continental, podemos observar aí muitos comportamentos semelhantes aos verificados na República Popular da China, embora se note menos rigidez e mais alguma liberdade relativamente ao respeito das normas sociais tradicionais².

Se considerarmos os valores como a componente principal de um conjunto de atitudes generalizadas, no que diz respeito ao que é desejável e indesejável, concluímos que influenciam o comportamento do grupo em determinado sentido. Na sociedade taiwanesa, embora de forma um pouco mais flexível do que na tradição chinesa, os interesses do indivíduo devem estar subordinados aos do grupo. Consequentemente, sentem-se pressões normativas em relação ao comportamento individual quando este é percebido como contrário às necessidades grupais. Nas culturas menos orientadas para o social, como é o caso da portuguesa, essas necessidades são algo desvalorizadas face ao respeito pelas necessidades individuais, havendo um maior equilíbrio entre interesses privados e comportamento público. Ou seja, a preocupação chinesa com a ordem social corresponde à preocupação ocidental com a liberdade individual.

Esta tendência para o colectivismo não é mais do que a aplicação da orientação holística chinesa ao domínio da vida social: os chineses tentam unir as várias partes constituintes de um todo de forma que se misturem numa relação harmoniosa, tentando evitar conflitos externos. Este modo de funcionamento colectivista acaba por resultar em grande homogeneidade social, em que as normas prevalentes privilegiam a uniformidade local em vez da diversidade. Para além disso, a estrutura social chinesa é caracterizada por uma forte organização hierárquica rígida, em que os papéis sociais são definidos de acordo com a idade, a posição social e o género do indivíduo, e onde a família assume um papel central, enquanto modelo inspirador do funcionamento de todos os grupos fora da família. Estes factores sociais estruturais, interagindo com certos pensamentos e doutrinas morais e religiosos dominantes (como o Confucionismo³, o Taoísmo e o Budismo), levam a um

² Para mais informação sobre modelos de comportamento social chinês, nomeadamente em relação aos pontos abordados nos próximos parágrafos, ver Bond, M. H. (ed.) (2008). *The Psychology of the Chinese People*. Hong Kong: The Chinese University Press.

³ O comportamento social chinês pode ser explicado através da filosofia social confucionista. Na tradição confucionista, certos tipos de relações tinham uma posição de suprema importância, as



modo específico de socialização e reflectem-se na sua forma única de representar e categorizar o mundo exterior.

A preocupação com a harmonia dentro da hierarquia leva à existência de imperativos culturais, como, por exemplo, a importância dos laços de família e respeito pelos pais, uma vez que o desafio destes iria afrontar a ordem social. Nota-se, então, uma divergência clara de valores entre Oriente e Ocidente, no que diz respeito às relações dos filhos com os pais. Na sociedade taiwanesa, onde o colectivismo e a dependência interpessoal são altamente valorizados, as preocupações de um indivíduo sobre estabelecer relações interpessoais garantem-lhe o respeito dos outros. Na cultura ocidental, que estabelece altos valores de individualismo e independência, uma tendência de ligação paternal forte pode ser percebida como uma fraqueza que consequentemente diminui a admiração da sociedade em relação a esse indivíduo.

Em Taiwan, em caso de problemas pessoais o indivíduo procura apoio na sua família nuclear, e questões rotuladas como vergonhosas pela sociedade (por exemplo, desavenças conjugais) não são comentadas com amigos nem com familiares afastados. Os conflitos no seio da família são ocultados às pessoas de fora do núcleo, mas se algum familiar tem muito sucesso a família encarrega-se de o publicitar a toda a gente, uma vez que o sucesso individual aumenta o estatuto da família toda e glorifica os antepassados. Assim, os taiwaneses são educados para permanecer parte integral das suas famílias ao longo da vida, por oposição aos portugueses que tendem a funcionar de forma independente da rede de relacionamento familiar depois da idade adulta.

Ora, durante a minha estadia na Formosa, eu fiquei alojada numa família típica, tendo a oportunidade única de observar *in loco* o funcionamento destas interacções familiares. O chefe de família tinha um bom emprego, pelo que a dona da casa se pode dar ao luxo de não trabalhar depois de nascerem as crianças. Tinham dois rapazes, um de 9 e outro de 13 ou 14 anos. A minha relação com eles foi estranha desde o princípio: nunca tinham visto uma ocidental e olhavam-me como se eu fosse um extraterrestre! Falavam várias vezes da cor dos meus olhos (o facto de serem claros não ajudava em nada...), do cabelo (que também é claro) e do meu nariz, considerado enorme para os padrões orientais.

Eu ocupei o quarto do filho mais novo, o qual passou a dormir no do irmão durante aquele verão. Talvez isso também não lhes tivesse agradado, não sei... Por um lado, o mais pequeno repetia cada frase que eu dizia (em mandarim)

cinco relações cardinais: entre soberano e súbdito, pai e filho, irmão mais velho e irmão mais novo, marido e mulher, e amigo e amigo. Estas relações eram construídas em modelos hierárquicos em que o membro mais novo devia autoridade ao mais velho.



ênfatizando os erros e rindo sempre muito. Parecia um eco! Era verdadeiramente desgastante... mas não havia alternativa, uma vez que os donos da casa quase não falavam inglês. Por outro lado, a comunicaçãõ com o mais velho foi sempre difícil, ou por ele estar em plena adolescência ou pelo facto dos pais insistirem frequentemente para eu lhe dar explicações de inglês e isso não lhe agradar – a língua inglesa em Taiwan é ensinada por professores que só falam em chinês durante as aulas, pelo que os alunos aprendem a ler e escrever mas têm imensa dificuldade em falar... Desenganem-se se pensam que alguém na rua vos consegue entender em inglês!! Por diversas vezes constatei que era mais seguro recorrer ao meu fraco chinês do que ao “bom” inglês deles!

O sistema de ensino em Taiwan é, de facto, muito diferente do nosso, em parte devido à “regra da memorizaçãõ” que impera na sociedade: se o objectivo é adquirir conhecimento contido num artigo, então a melhor estratégia é memorizar o artigo. Ao contrário dos alunos ocidentais, as crianças chinesas desenvolvem a memória desde a infância e começam cedo a recitar escritos morais e literários antigos. As escolas primárias em Taipé dão diariamente aos alunos uma quantidade de trabalho de casa muito superior às portuguesas: sempre que aparece um caracter novo numa lição, têm de o escrever várias vezes antes da lição seguinte e, como cada lição tem vários caracteres novos, têm de fazer muitas cópias depois de cada dia de aulas. Para os pais, as horas que os filhos passam a estudar e o esforço despendido é muito mais valorizado do que a sua capacidade intelectual inata, incentivando-os a trabalhar muito mais horas do que os pais portugueses. Na verdade, as crianças estão sempre a estudar, sem tempo para brincar. Tendo em conta que eu vivi em Taiwan nos meses de verão, que os alunos portugueses consideram meses de lazer, é impressionante constatar que os rapazes da casa onde eu vivia, bem como os seus primos e amigos, frequentavam aulas privadas para estarem bem preparados para o início do ano lectivo seguinte!

Os meninos da casa e as outras crianças da família e dos amigos próximos chamavam-me *jiejie* (姐姐), ou seja, irmã mais velha; eu tratava-os por *didi* (弟弟 – irmão mais novo). O facto deste tipo de tratamento me ter sido imposto mostra, em primeiro lugar, a importância que é atribuída à família na língua chinesa: há caracteres diferentes para todo o tipo de graus de parentesco. Por exemplo, irmão mais velho é diferente de irmão mais novo; avó paterna é diferente de avó materna – esta é socialmente menos importante, uma vez que a linhagem passa através dos filhos e não das filhas. Em segundo lugar, o facto de especificarem, no tratamento diário, que eu era a *jiejie* revelava a preocupação com a hierarquia social, em que a maior idade equivale a maior estatuto. Como eu era mais velha, as crianças tinham de me demonstrar



respeito, usando uma forma de tratamento em que reconheciam, de modo inequívoco, que eu era mais velha, e eu, mostrando a minha superioridade, tratava-os de forma que eles sentiam que eram mais novos (*didí*).

Esta especificidade está relacionada com uma das muitas regras de comportamento enraizadas na sociedade taiwanesa: em determinada situação, a pessoa deve comportar-se de certa forma, forma essa que foi previamente definida por alguém superior. Esta regra de obediência está sempre presente porque o indivíduo tem constantemente de interagir com superiores, quer esteja em casa (pais) quer no trabalho (chefes). Mesmo quando não está na sua presença física, os seus ensinamentos cobrem tantos tipos de situações que a pessoa é sempre afectada pela regra. É óbvio que estes padrões de socialização de tipo autoritário limitam a criatividade, a espontaneidade e a fluência verbal dos taiwaneses, evitando posturas assertivas, por comparação com os portugueses, que têm um pensamento muito mais independente da família e da sociedade.

Por aquilo que fui observando, apesar das crianças terem um estatuto especial na família e serem muito acarinhadas, são sujeitas a uma disciplina mais rígida que as portuguesas. Assim, são muito melhor comportadas em encontros familiares ou em locais públicos, como sendo os restaurantes, pois aprendem a respeitar os superiores desde a infância e vivem na sombra dos seus antecessores, asfixiadas pela interdependência familiar e pelo respeito pela tradição. Estas regras comportamentais são aprendidas em detrimento do desenvolvimento de capacidades verbais, levando-as a ser mais retraídas, menos activas e a falar e sorrir menos do que as crianças portuguesas.

Vimos que uma sociedade tendencialmente orientada para o social, como é o caso da taiwanesa, é caracterizada pelo autoritarismo, controlo parental e normas de lealdade. Consequentemente, o indivíduo é encorajado a manter a ordem hierárquica e relações interpessoais harmoniosas, interagindo com pessoas de diferentes *guanxi* (关系). Este é um conceito chave para entender o comportamento taiwanês em contextos sociais, políticos e organizacionais, sendo usado para explicar determinadas ligações.

Naquela cultura, as pessoas que dizem ter *guanxi* geralmente partilham características comuns, como o local de nascimento, o apelido ou uma actividade, por exemplo ter frequentado a mesma escola ou trabalhar na mesma organização. É um termo que se refere à rede de relacionamento interpessoal, associado à estratégia de obtenção de favores. Como é que eu consegui ter *guanxi*? Um amigo meu português que fazia negócios com uma empresa taiwanesa falou com o dono desta no sentido de me arranjar alojamento durante aquele verão. Numa clara lógica de *guanxi*, o empresário tentou fazer o

favor ao cliente português. Como vivia sozinho e viajava muito, achou que a casa dele não era o sítio mais adequado para me receber e falou com a irmã e o cunhado que, sentindo-se por sua vez “obrigados” a honrar o *guanxi* familiar, concordaram receber-me em sua casa. A partir deste momento, eu passei a partilhar *guanxi* com eles, pois tínhamos uma característica comum – vivíamos na mesma casa. Cedo percebi que isto implicava que a minha independência tinha limites; eu fazia parte da família e não devia fazer nada para além da minha rotina diária sem a consultar ou, pelo menos, avisar.

Para reforçar o *guanxi*, os taiwaneses manipulam as relações pessoais através do jogo da “face”, uma estratégia para aumentar a influência sobre os outros. Se uma pessoa tem “face” é porque a sociedade confia na sua integridade moral; quem não tem “face” não pode funcionar convenientemente dentro da comunidade. “Face” é prestígio, reputação atingida através da prosperidade, do sucesso e da ostentação. Pode ganhar-se “face”, escolhendo cuidadosamente o ambiente e o contexto em que se vai desenrolar a interacção social, tendo cuidado com a aparência ou adoptando comportamentos específicos de forma a transmitir uma imagem positiva e um estatuto elevado durante o período de relacionamento com os outros.

Neste contexto, o trabalho de “face” aparece associado ao *guanxi* pois, quanto mais positiva for a impressão causada, mais provável é a pessoa conseguir algum favor que queira pedir. Se o empresário taiwanês não considerasse que o meu amigo tinha “face” (por exemplo, caso achasse que ele era desonesto nos negócios) jamais me teria tentado encontrar alojamento, rejeitando o favor pedido. Esta rejeição poderia ter sido feita de uma forma directa, levando o meu amigo a “perder face”, principalmente se o empresário divulgasse algum aspecto menos positivo em relação à sua pessoa, embaraçando-o publicamente; ou de forma indirecta, não dando uma resposta definitiva até que o meu amigo “esquecesse” o pedido, “salvando-lhe a face”. Neste caso, ambos se comportariam como se o pedido nunca tivesse sido feito, mas com clara consciência dos limites da relação.

O *guanxi* pode ser “imposto”, proporcionando a interacção deliberada entre as partes, não só através deste tipo de visitas mas também da oferta de presentes e convites para banquetes, como festas de aniversário. Eu levei várias prendas de Portugal para oferecer à família e amigos que me receberam. A verdade é que quando oferecia alguma coisa tentavam sempre retribuir. É uma questão de “face”... se se sentem em dívida tentam compensar. Por exemplo, quando ofereci um coração de ouro em filigrana, ficaram muito impressionados e imediatamente foram buscar um fio com jade para me dar, assim como uma foto do casamento deles.



No dia do aniversário do pai da dona da “minha” casa, a família convidou várias pessoas para um banquete num restaurante. A distribuição dos lugares à mesa reflectia a hierarquia social: todos os convidados sabiam a sua posição em relação aos outros e o ritual gestual e verbal evidenciava esta posição. De forma a não perder a “face” e a dar “face” ao seu interlocutor, um taiwanês tradicional típico, a menos que saiba que é a pessoa hierarquicamente superior na relação, deve sempre comportar-se como um subordinado e deixar ao outro a autoridade.

As visitas às casas dos familiares e amigos, como forma de desenvolver o *guanxi*, implicavam sempre uma sessão de *karaoke*. Quase toda a gente tinha microfones e programas para a televisão com músicas e letras. Pior do que a canseira de passar todo o serão a ouvir vozes esganiçadas a cantar músicas chinesas era partirem do princípio que eu, ocidental, tinha obrigação de ter um inglês perfeito, que conhecia todas as músicas em inglês e, pior que tudo, que sabia cantar! Eu sempre detestei cantar! Eu não sei cantar! Mas lá tinha que dar o meu melhor para retribuir a simpatia antes de voltarmos para casa. Estas visitas fizeram parte do processo de fortalecimento de *guanxi* entre mim e a família de acolhimento.

Num domingo de muito calor, fomos visitar a aldeia de origem da família – a ida “à terra” na gíria de muitos portugueses. Se eu já me sentia observada em Taipé, na aldeia então foi o fim. Estava toda a família reunida na casa da avó e toda a gente fazia um riso miudinho e fugia quando me viam. As jovens da família nem entravam na cozinha quando eu lá estava, ou entravam muito devagarinho para ir buscar comida e se eu me virava fugiam logo a rir muito.

As refeições não são como as nossas: cada um vai para a mesa conforme e quando quer. Dado que primeiro comem os convidados, mandaram-me para a cozinha. Havia dez pratos fundos com diferentes comidas chinesas e cada pessoa servia-se para uma tigela pequenina com os pauzinhos. À medida que mais pessoas começaram a aproximar-se da mesa, vários pauzinhos remexiam nos pratos de comida comuns. Isto, aliado ao facto da cozinha não corresponder aos critérios de limpeza culturalmente aceites em Portugal, fez-me mesmo perder a fome. As panelas na “minha” casa de Taipé estavam sempre no fogão prontas a cozinhar, nem se lavavam, e a loiça só se passava por água e ficava a escorrer, nem sequer havia panos de cozinha!

Depois fomos visitar o pai da senhora da família e todos os irmãos que moravam naquela terra. De cada vez que íamos a uma casa nova queriam dar-nos comida e parecia mal não comer (muito à semelhança do que se passa em Portugal). Os gelados eram pratos de sopa cheios de gelo picado e bocados de fruta por cima (por exemplo, manga): o gelo derretia com a fruta, que se comia



com aquele sumo à colherada. Os refrescos típicos de leite e chá tinham frutos pretos em bolas pequeninas (como azeitonas) que se bebiam por palhinhas muito grandes. Claro que as minhas palhinhas ficavam sempre entupidas e era a risada total! Também se fartaram de rir quando me deram cana-de-açúcar (eu achava difícil e estranho mastigar e deitar fora...).

Na verdade, riam-se sempre de mim a comer. Era sempre tudo servido em tigelas muito pequenas e tinha de comer com pauzinhos (a única vez que desencantaram um garfo numa das casas era de plástico, uma velha relíquia de um bebé da família de há muitos anos, e estava tudo menos limpo...). Com a minha fraca destreza, eu andava sempre suja e sujava tudo o que estava à minha volta. Farta de mudar a toalha da mesa todas as noites, ao fim de uns dias a dona da casa onde eu vivia decidiu começar a forrar a mesa de jornal... e passei a comer em cima de jornal até ao fim da minha estadia em Taiwan! Cozinhar sem garfo e colheres também se revelou tarefa impossível. Um dia decidi fazer bacalhau com natas para a família provar. Imaginem o que foi tirar o bacalhau da panela e desfiá-lo com pauzinhos...

A certa altura fui passar um fim-de-semana a casa de uns amigos muito ricos da “minha” família. Tinham uma filha, a Judi, que era pouco mais nova que eu. Apesar de a casa ser rica, estava em pior estado do que uma casa pobre em Portugal. As casas de banho em Taiwan ficavam todas inundadas quando se tomava duche – não havia divisão para o chuveiro e havia ralos por todo o chão, para a água escorrer. Claro que as baratas entravam pelos ralos... Os tetos também tinham buracos e viam-se as condutas de água e os canos todos, sujos e cheios de bichos. As toalhas eram muito pequenas e disseram-me que era normal partilharem-se as toalhas entre pessoas do mesmo sexo. Quando eu cheguei, no primeiro dia, ficaram muito espantados por eu lhes pedir uma toalha para mim e lá me deram uma muito pequena e de má qualidade. A filha dos donos da casa deu-me a toalha dela para eu me limpar. Eu corri tudo à procura de uma toalha que não fosse muito cara e não encontrei, ou tinham uma qualidade péssima ou então eram marcas estrangeiras muito caras. Estes trechos de um e-mail que enviei na altura aos meus pais revela a minha estupefacção, aquilo que se pode traduzir por um verdadeiro choque cultural:

“O maior susto foi hoje de manhã quando estava a tomar banho e na parede à minha frente vejo uma barata enorme a subir. E quando digo enorme, não tem nada a ver com as proporções de Portugal: era mais comprida que o meu dedo mindinho e acastanhada. Claro que dei um grito e, mesmo com o cabelo cheio de champô, embrulhei-me na toalha (minúscula) e chamei o amigo do Custódio para a matar. Ele empestou a casa de banho com aqueles



sprays, mas ela não morreu e veio em direcção aos meus pés. Claro que eu ainda gritei mais e fugi, até que ele a matou com o sapato. Depois tive de acabar o banho a correr porque ia desmaiando com aquele cheiro. A recepção foi logo ontem quando chegámos: uma enorme à entrada, outra enorme no meu quarto e durante a noite matei uma média, uma pequena e uma melga.”

“As banheiras nojentas, com bichos, roupa de bebés à mistura; os bancos e cadeiras de plástico que me dão para sentar são todos muito, muito sujos. Por mais que eu tente respeitar as regras de higiene é completamente impossível. Por exemplo, estou com a minha garrafa de litro e meio na mão, meio cheia, e vamos andar de bicicleta. Sem me dizer nada, a Judi vai lá dentro buscar uma garrafa pequenina já usada e despeja a minha água lá para dentro para eu a poder levar no suporte da bicicleta. Depois dá-me leite numa caneca que eu já tinha abandonado porque vi bichos a passear lá dentro. E o que é que eu faço? Digo que não? Não bebo? Recuso sistematicamente fruta descascada e legumes crus porque sei que foram lavados com água da torneira (ou até não potável)? Impossível! ... A comida põe-se muitas vezes em sacos de plástico. Um tio da Judi tinha feito um doce tipo gelatina e pôs num saco de plástico, e com pauzinhos andava a pôr um bocado na boca de toda a gente. Claro que eu ia vomitando quando ele me pôs aqueles pauzinhos na boca depois de ter passado pela boca daquela gente toda... À noite regressámos a casa da família Fu. Eu dormi na cama da Judi. Não aguentei o barulho do ar condicionado e morri de calor. Não me queria destapar por causa dos bichos, mas eles não usam lençol (só uma esteira em cima do colchão) e o edredão estava a fazer transpirar-me para além dos limites. Não podia beber água porque a que me deram, ao contrário do que eu estava à espera, era da torneira, e a minha garrafa tinha acabado. O suor escorria-me pelo corpo todo como nunca me aconteceu. Nunca pensei ser possível ter tanto calor! Tive de me destapar e adormeci. Passado umas horas acordei com uma impressão na cara, depois nas mãos. Apercebi-me que era um bicho e sacudi-o. A Judi acendeu a luz e vimos uma barata enorme no chão. Eu só gritava para ela a matar; ela saltou da cama e matou-a com um chinelo. Quem é que consegue dormir depois disto? Nem a pessoa mais ensonada do mundo... Já não sei o que é dormir uma noite descansada há muito tempo. Depois desta experiência sentia-me preparada para tudo! ... Quando vou às casas de banho olho à volta e depois olho para o espelho e rio-me sozinha, porque isto é tudo tão fora do meu planeta que nem me dá para chorar, só me dá para rir. E depois penso: e se eles em Portugal vissem isto, como é que seria a cara deles?”

Confesso que demorei algum tempo a absorver as subtilidades comportamentais, tão características da sociedade taiwanesa. Um dia cheguei a casa e



disse à família que os meus colegas na universidade estavam a organizar uma viagem a Taroko, um famoso desfiladeiro numa reserva natural na costa oriental da ilha. Assim que falei no assunto, os donos da casa revelaram-se tensos. Começaram por dizer que essa região era frequentemente ameaçada por sismos, que muitas vezes se revelavam fatais. Na verdade os terramotos já tinham começado a fazer parte do meu dia a dia e não dei grande relevância à questão. Não eram poucas as vezes em que acordava com a cama afastada do local onde me tinha deitado... Vendo que o primeiro argumento dissuasor não tinha funcionado, a senhora disse que me levavam a Taroko mais tarde. E esperavam ver assim o assunto arrumado... O problema é que, ao longo da semana seguinte, os meus colegas começaram a planear a viagem e eu precisava de confirmar a minha ida. A “minha” família tinha optado pela estratégia do “esquecimento” do pedido, evitando que eu perdesse a “face”, e não falar mais nisso. Na verdade não tinha sido um pedido meu, mas sim uma sugestão deles em irem comigo, uma vez que se sentiam responsáveis e temiam que algo me pudesse acontecer durante aquela viagem, perdendo a “face” perante o irmão da senhora, e fazendo com que ele perdesse a “face” perante o meu amigo português.

Não tomando verdadeira consciência da importância destas normas sociais, acabei por adoptar uma postura intransigente, completamente desfasada de uma cultura como a taiwanesa. Um dia ao jantar, depois das aulas, perguntei de forma muito directa, acentuando bem os tons dos caracteres para não haver dúvidas: “Afinal vão ou não vão comigo??”. Claro que eles ficaram lívidos. Primeiro, porque estavam realmente convencidos de que o assunto ia morrer; segundo, com a minha falta de respeito, de fazer uma pergunta directa, que exigia uma resposta de “sim” ou “não”, quando os taiwaneses nem sequer usam a palavra “não” de forma isolada... Isto vindo de mim, que era hierarquicamente inferior segundo os padrões daquela sociedade (mais nova em termos de idade e não pertencente à família nuclear), foi de facto muito grave. Depois de trocarmos umas palavras entre eles, que eu não entendi, a senhora disse que no dia seguinte me davam uma resposta. Em prol do tal conceito de harmonia, central em todas as atitudes de um taiwanês, encontraram uma saída airosa. Para me impedir de ir para o tal sítio que consideravam perigoso, convidaram-me a passar esse fim-de-semana com eles no “Lago do Sol e da Lua” (*Sun Moon Lake*), um destino considerado muito romântico no centro de Taiwan. O facto de este casal decidir fazer tantos quilómetros para ir comigo passar um fim-de-semana a um sítio onde não ia desde a sua lua-de-mel, mostra o grau de embaraço em que os coloquei. Que vergonha...



A viagem foi um verdadeiro suplício, a começar pela saída de Taipé. Os carros bem tentavam andar, mas não conseguiam sair do sítio, mais parecendo que estavam estacionados. A anedota que tinha ouvido desde a minha chegada, rotulando a cidade de maior parque de estacionamento do mundo, fez repentinamente todo o sentido. O trânsito em Taipé é caótico! Para além dos carros não respeitarem sinais e regras de trânsito, com grande cumplicidade da (pouca) polícia, há motorizadas por todo o lado, nos passeios, na entrada das lojas, nas estradas, nas passadeiras – metade da população tem uma – e transportam todo o tipo de coisas, animais e várias pessoas em simultâneo, por vezes sem capacete e descalças, mas frequentemente com máscaras de protecção contra a poluição e luvas para protecção do sol.

A viagem pareceu interminável... Como se não bastasse o trânsito, tivemos um furo! Engraçado que, quando o chefe de família estava a começar a mudar o pneu, decidi tirar a gravata. A gravata foi parar ao chão e foi parar em cima dela toda a tralha que estava no porta-bagagens, inclusive os chapéus de chuva que iam de reserva, e ninguém se pareceu importar! A relação que eles tinham com a roupa era, de facto, estranha... numa família de classe média-alta, como era aquela, ver as crianças com roupa rota, deixava-me um pouco perplexa.

Não me consigo *lembrar* de todas as peripécias que ocorreram ao longo da viagem, mas sei que fiquei constipada por causa do ar condicionado fortíssimo do carro, não obstante as minhas reclamações (nunca entendi como é que num país de clima tão quente se passava tanto frio nas lojas, na universidade e nos táxis) e de ir à casa de banho numa estação de serviço que não tinha porta (apenas uma pequena cortina que nos tapava da cabeça aos joelhos).

Quando chegámos ao Lago, que estava inundado de turistas taiwaneses, vimos alguns nativos que vendiam artesanato e faziam espectáculos de danças tradicionais. Constituindo apenas 2% da população, os nativos, muito católicos e de influência portuguesa e espanhola, em geral vivem nas montanhas. São muito discriminados pelos taiwaneses da etnia dominante: os Han acham-nos feios e incultos. Eu sempre achei os nativos muito mais interessantes fisicamente do que os Han e às vezes até ia a um bar em Taipé onde eles tocavam e cantavam. Mas tornou-se desde logo evidente que a minha família não gostava dos nativos, recusando-se a ver os espectáculos e tentando-me afastar deles a todo o custo durante o fim-de-semana à volta do Lago. Uma vez fomos ao Museu Nacional de Taiwan e um grupo de miúdos nativos começou a falar comigo – a “minha” família gritou com eles e tratou de os afastar...



Num outro e-mail recorro o seguinte:

“Hoje cá o dia é equivalente ao nosso dia de todos os santos. A maneira de eles comunicarem com os mortos é colocar comida na rua (no nosso caso, puseram na varanda), queimar incenso e rezar enquanto os mortos vêm comer a comida. Depois da reza acabada, a comida vem para dentro e toda a gente janta. Ou seja, quando cheguei tinha aqui um verdadeiro banquete... Fui visitar um templo em que havia uma missa. Parecia magia negra! Várias mulheres vestidas de negro até aos pés dentro da parte principal do templo, ajoelhadas a cantar umas rezas macabras acompanhadas de tambor: pom, pom, pom..., sempre ao mesmo ritmo e, de repente, muito depressa. Cá fora as outras pessoas acompanhavam em pé e tinham nas mãos uns livros com caracteres indecifráveis. Havia altares à volta do templo, com comida para ser abençoada, e no fim levam-na para casa e comem-na. O cheiro a incenso era insuportável. Eu estava sentada a ler o guia e mandaram-me levantar porque é um local sagrado. Era tudo muito estranho...”

A nível dos comportamentos da população em geral, das coisas que mais me surpreenderam foi o facto de as pessoas andarem sempre de sombrinhas *high-tech* (como dizia a minha explicadora de chinês), feitas no Japão com tecidos especiais para evitar os raios UV, e que custavam uma fortuna. A minha explicadora, até quando não há sol e é de noite, usa a sombrinha, porque pensava que de noite os UV também atacavam... Qualquer senhora que se preze andava sempre de sombrinha, como antigamente em Portugal. Só as menos apuradas é que não se protegiam do sol com chapéu-de-chuva e luvas quando andavam de mota. As taiwanesas não querem ficar morenas e põem muita base branca na cara.

Outra particularidade é o facto de se descalçarem em todo o lado. Quando vamos visitar alguém, encontramos sempre chinelos para os convidados no hall de entrada. Até à entrada das salas de aula da universidade nos tínhamos de descalçar!

Também achei estranho o ritmo das coreografias do ginásio, em que, do mais novo ao mais velho, todos se moviam num instante, com grande rapidez de um lado para o outro. “É deveras impossível de seguir, não sei como é que conseguem memorizar aquela sequência de exercícios. Eu a meio da aula interrompo sempre e vou para as máquinas porque fico com dor de cabeça de estar tanto tempo concentrada naqueles movimentos. Que horror!”

É curioso o facto de as senhoras não usarem fato de banho na praia... usam vestidos de lycra rodados. Cheguei a ver pessoas nas piscinas a tomar banho completamente vestidas, por exemplo, com calças de ganga!



Em relação às viagens de metro escrevi aos meus pais: “As crianças no metro gozam imenso comigo porque, como demoro uma hora a chegar à universidade, aproveito para rever os caracteres que escrevo nos cadernos de quadrados (equivalentes aos nossos cadernos de duas linhas, para os caracteres ficarem todos do mesmo tamanho) que as crianças usam. Claro que toda a gente olha a sorrir...”

De uma forma geral, as pessoas que conheci em Taiwan revelavam os traços tradicionalmente considerados característicos da personalidade chinesa: grande preocupação com a preservação da harmonia; forte orientação coletivista e grande ênfase nas relações e na interdependência familiar e social; obsessão com a hierarquia e conseqüente autoritarismo e aceitação do controlo exterior, resultante em comportamentos introvertidos e de auto-repressão. A regra do respeito pelos superiores tem a conseqüência positiva de contribuir para a estabilidade emocional e individual e para a estabilidade da vida familiar e da sociedade. Se esta regra for seguida de forma moderada, e não levada ao extremo, contribui para a estabilidade social sem reprimir a criatividade.

Passar um verão em Taipé foi um verdadeiro choque, mas foi simultaneamente um enriquecimento cultural. A forma de eu ver o mundo nunca mais voltou a ser a mesma, deixando de ter por universais as regras de comportamento socialmente aceites em Portugal. No entanto, tornou-se evidente que há um aspecto comum entre os dois povos. Tal como os portugueses, os taiwaneses fazem tudo para agradar aos seus convidados, desfazendo-se em amabilidades e simpatias, oferecendo comida constantemente e ajuda a toda a hora; normas sociais que não são comuns noutros países geograficamente muito mais próximos de Portugal.